

O CÁRCERE DE CESARE PAVESE

Eliane Cristina Perry
João Batista Barbosa Jr
Ranieri Mastroberano¹

Universidade Federal do Paraná

Resumo: Este artigo propõe uma análise da obra *Il Carcere* (O Cárcere), de Cesare Pavese, através de uma pesquisa dos elementos existenciais do livro. Nossa intenção é apresentar uma nova possibilidade de leitura a partir do aspecto do “Existencialismo”. Para tanto, o presente trabalho utiliza as teorias do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard em seu livro “O Conceito de Angústia” e demais autores que serão denominados ao longo da pesquisa. Em primeiro lugar, nós analisaremos o romance, em seguida, apresentaremos elementos existencialistas presentes na narrativa e por fim uma relação com outras obras.

Palavras-chave: Pavese; cárcere; existencialismo.

Abstract: This article proposes an analysis of the work of Cesare Pavese in “The Prison”, by searching of existential elements of the book. Our intention is to show a new opportunity to read from the aspect of “Existentialism”. For this purpose, this article uses the theories of Danish philosopher Soren Kierkegaard in his book “The Concept of Anxiety” and other authors who will be named throughout the article. First all, we’ll analyze the novel, later we’ll present existentialist elements present in the narrative and finally a related with another books.

Keywords: Pavese; the prison; existentialism.

1. Acadêmicos de Letras- Português/Italiano da Universidade Federal do Paraná. O presente artigo foi apresentado à disciplina de Literatura Italiana V, ministrada pela Profa. Dra. Lucia Sgobero Zanetti, no segundo semestre de 2014.

Introdução

Trata-se de uma pesquisa, oriunda das reflexões em torno do livro *O Cárcere* com autoria de Cesare Pavese². Nosso intuito é apresentar uma possibilidade de leitura a partir do aspecto do “Existencialismo”, contribuindo para a cooperação interpretativa do livro. Para tanto, o presente trabalho parte dos pressupostos de Soren Kierkegaard em o “O Conceito de Angústia” e demais autores que serão denominados ao longo do artigo.

Acreditamos que, aproximar-se da obra *O Cárcere* (1948), é um exercício complexo, que nos exige muita cautela, uma vez que não existem muitas pesquisas sobre o autor em território brasileiro. Esse romance lança questionamentos polêmicos, um estudo histórico minucioso e um sem fim de leituras possíveis.

Investigar as dimensões e a importância do aspecto existencialista nessa obra se justifica não só pela inquietude que nos desperta a conformação e valoração que este assume nos estudos literários, mas também por se constituir como um elemento imprescindível na compreensão e na articulação da narrativa.

Deste modo, nossa intenção dentro deste artigo é nos debruçarmos primeiramente sobre uma análise geral da obra; assim, apresentamos de forma sucinta, o argumento do romance e ressaltamos aspectos de tradição e ruptura que verificamos neste. Seguidamente, pretendemos uma análise sobre o viés do existencialismo em *O Cárcere* e, por fim, evidenciamos a aproximação de livro com outras obras.

2. Escritor italiano que vivenciou o contexto da cultura liberal antifascista piemontesa, estudou literatura inglesa e americana. Sua principal atividade era a tradução, empenhando-se, sobretudo, nas obras dos grandes escritores dos XIX e XX, tais como: Melville, James Joyce, Sinclair Lewis, dos Passos, entre outros.

Contudo, cremos que neste artigo conseguimos estabelecer, em linhas gerais, uma nova leitura da obra de Cesare Pavese, ao atribuir um valor diferente ao apresentado pela crítica existente: assim, imputamos ao existencialismo, como repetiremos várias vezes ao longo deste estudo, seu caráter de elemento simbólico, tomando seu sentido metafórico e desmistificando-o.

Análise geral de *O cárcere*

É um romance breve, publicado em 1948, juntamente com *A casa na colina* (Casa in Colina), sob o título: “*Prima che il gallo canti*”(Antes que o Galo Cante), uma história da solidão privada. É um romance que retrata a experiência autobiográfica do autor: representaria o período de confinamento vivenciado em Brancaleone Calabria, entre os anos de 1935 e 1936, por ter tentado proteger a mulher amada, uma militante do Partido Comunista Italiano. *O Cárcere* desponta com a vida do confinamento e elucida o aprendizado de um intelectual envolvido na política, além de retratar a descoberta de outra Itália. Como veremos mais adiante, a obra se inscreve no neorrealismo italiano, é uma prosa que retrata uma literatura do período de reclusão.

Consideramos que *O Cárcere* antecipa, logo no título, o tema que desenvolverá no decorrer da narrativa, a qual é feita em terceira pessoa com o uso do discurso indireto livre, em que se demonstra a reclusão em um cárcere tanto físico quanto existencial.

Essencialmente, o tema de *O Cárcere* é a solidão do protagonista, característica congênita do seu estado natural, além das precisas contingências históricas e políticas que delimitam o fio interior e o ritmo existencial em que é narrada a história de um engenheiro da região norte da Itália – recluso por antifascismo em uma pequena cidade litorânea do sul italiano. A prisão é branda – ainda que amarga – e, somente em alguns

trechos, assume a profusão das cores de um tempo e de uma exata estação política. Stefano não se opõe devido à diversidade moral e intelectual e porque estava convencido a continuar na luta. Assim, o seu cárcere não é propriamente um aprendizado político, mas sim uma verificação da própria natureza e dos sentimentos, tendo como pano de fundo uma esplêndida e inerte paisagem, povoada por poucas figuras bastante significativas, tal como evidenciamos nas personagens femininas.

Segundo Candido (1998), da leitura de um romance fica a impressão de uma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. O enredo existe através das personagens, as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que animam. Para o autor, a personagem que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência, etc. Sendo assim, a personagem vive o enredo e as ideias e os torna vivos.

Candido (1998) afirma que a personagem é um ser fictício e o romance se baseia, em certo tipo de relação entre ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. E será a partir desta ideia de ser fictício que iniciaremos nossa reflexão em torno ao livro de Pavese.

Sendo assim, consideramos interessante a forma como o autor compõe seus personagens, tais como: Stefano, o protagonista; Giannino; Elena, filha da proprietária da pensão; Concia a mulher selvagem; e o Marechal da Cidade. Observamos um contraste entre eles, como, por exemplo: Elena ama e acolhe ternamente o engenheiro Stefano vindo do norte, porém, se revela tão frágil e submissa que se contrapõe a uma outra representação feminina dominante: Concia, uma mulher inculta, selvagem e sensual. Nesta dualidade, Elena é a mulher que se concede ao protagonista. Há nela um amor absoluto, devoto e quase maternal, o

que fará com que Stefano tenha uma reação contrária: um movimento de resistência e adversidade. Concia, ao contrário, é retratada como uma jovem selvática, tentadora, à sua maneira, e permanecerá como objeto de sonhos e desejos.

Além disso, as mulheres povoam a solidão do confinado. A representação do elemento feminino conflua ao universo de Stefano através da oposição entre: mito e selvagem, companhia e solidão, espontaneidade e discricção, além de outros dualismos que farão *d'o Cárcere* uma narrativa envolvente e rítmica. No início da obra, as mulheres são descritas e matizadas como sendo extremamente silenciosas e protegidas, em um meio que, em certo sentido, as considera como escravas. Em poucas palavras, Pavese demonstra a realidade sulista italiana tão dessemelhante daquela em que era proveniente.

Em torno do protagonista e sua rede de pensamentos, move-se um diminuto coro de homens: jovens ansiosos a passear eternamente pelas ruas de Brancaleone Calabria ou a travar discussões calorosas na taberna; o policial alfandegário, o marechal bonachão, chefe dos carabinieri; algum mendicante. Decorre o tempo, e a espera da liberdade torna-se tão insignificativa que, quando ela chegar, servirá apenas como um pretexto ante a mais profunda angústia de Stefano.

Personagem, espaço e tempo são elementos que unidos dão sentido à obra, e nela funcionam e operam bem ao relacionar-se. Deste modo, não podemos desvincular espaço e personagem, também não podemos diminuir a importância da relação entre tempo e espaço.

Para Gullón (1990), não há espaço sem tempo, nem tempo sem espaço, devido a temporalidade que marca o primeiro e a espacialidade que acompanha o segundo: o tempo precisa do tempo para se tornar realidade consistente e viva. O romance de Pavese é escandido pelo passar do tempo; pela participação de Stefano puramente nervosa e ausente em relação às festas típicas do local e à vida da taberna; pelos passeios na pe-

quena cidade e às caças no campo vizinho; pelos banhos de mar no verão; pelas vigílias invernais diante do fogo; pelo seu contínuo desejo de possuir a jovem Concia, que o ignora sistematicamente; e pelo seu afastar-se de maneira reiterada dos afetos de Elena. Quando, na parte final do romance, outro confinado tentar estabelecer um contato, Stefano esquivar-se-á com veemência, pois, quer evitar uma comunicação que poderia modificar o seu já inquieto equilíbrio e o seu sereno desespero de intelectual. Trata-se do desespero de um confinado que se encontra diante de uma cultura diversa da sua, em uma cidade que - de algum modo – torna-se conveniente, uma vez que, ao não despertar recordações, não o agitará em profundidade e isso deixará apenas traços no véu de sua distância, posto que, terminado o confinamento retornará ao norte.

A obra *O Cárcere*, de Pavese se inscreve no neorrealismo italiano. Mas o que é o neorrealismo? As origens desse movimento remontam à efervescente Alemanha da década de 20, como uma reação ao expressionismo. Na Itália, o termo é empregado pela primeira vez em âmbito cinematográfico (1943 – designa a novidade do filme *Obsessão* de Lucchino Visconti). Todavia, é nos anos do pós-guerra que o termo se difundirá. Este movimento artístico nada mais era do que uma tendência à representação (em chave moral e política) da realidade popular cotidiana. No ambiente literário representaria uma literatura do *engagement*, em uma denotação que extrai a dimensão social e antropológica. Desse modo, o novo papel do sujeito intelectual mais engajado nas questões sociais e na reconstrução do país, advém de uma renovação temática, linguística e de conteúdo do fazer literatura. Segundo Cataldi (1994), o próprio Pavese escreverá em 1946:

Eu sinto apenas um dever literário em direção a estes novos leitores, que afinal representam todos os homens: ensiná-los a ler, e para que o ler não seja desperdiçado, oferecer-lhes a melhor e a mais rica literatura entre tudo aquilo o que se escreve. (Cataldi, 1994:128) (Tradução Nossa)³

Esta nova forma, do fazer literatura e do representar literário, coincide com a passagem do fascismo à república italiana. De acordo com Calvino (2001), o “neorealismo” não foi uma escola (Tentemos dizer as coisas com exatidão). Foi um conjunto de vozes, em boa parte periféricas, uma descoberta múltipla - das diversas Itálias, também ou – especialmente – das Itálias até então mais inéditas para a literatura. Sem a variedade das Itálias desconhecidas uma das outras – ou que se supunham desconhecidas -, sem a variedade dos dialetos e das gírias a serem fermentados e amalgamados na língua literária, não teria havido neo-realismo.

Em Pavese, a representação da realidade se baseia nas reflexões sobre o significado do existencial. Dessa forma é a partir de um testemunho existencial que se construirá e se fundará a literatura do *engagement*.

Existencialismo em Pavese: O cárcere

O existencialismo surge no século XIX tendo como característica o atribuir ao ser humano a responsabilidade pela construção de seu destino e de sua liberdade. De acordo com teóricos, a existência serve como *conditio sine qua non* em relação à essência humana, portanto, o homem existe independente de qualquer definição. A vida seria uma jornada, na qual se adquire o conhecimento gradual da essência dos seres humanos.

3. Io sento un solo dovere letterario verso questi nuovi lettori, che sono poi tutti gli uomini: insegnare loro a leggere e affinché leggere non sia tempo perduto, dargli da leggere quanto di meglio, di più ricco, di più giusto si sa scrivere. (Cataldi, 1994:128)

Os homens não são criados com um propósito pré-determinado, uma vez que a razão e o objetivo se delineiam durante o percurso existencial concernente a cada ser. Por conseguinte, não há como termos consciência de tudo aquilo que nos acontece. Sob esta perspectiva há uma angústia existencial oriunda daquilo que não se pode compreender o sentido.

Segundo Kierkegaard (1968), é fundamental que o ser humano reconheça que tem medo dos objetos específicos. Isto gerará um sentimento de apreensão que será refletido em dois conceitos inerentes aos seres humanos, são eles: o “Temor” e a “Angústia”. Esta última palavra, na percepção do filósofo, leva à confrontação do indivíduo com o nada. O ser humano nessa confrontação será incapaz de encontrar uma justificativa para as decisões que deverão ser tomadas ao longo de sua vida. Em seu livro, “O Conceito de Angústia”, Kierkegaard nos mostra que a angústia é um modo da humanidade ganhar salvação. Ela nos informa sobre as nossas possibilidades de escolha, sobre o nosso autoconhecimento e sobre a nossa responsabilidade pessoal, levando-nos de um estado de imediatismo não autoconsciente a uma reflexão autoconsciente. O ser humano torna-se consciente de sua vida através da experiência de ansiedade e de angústia. Kierkegaard (1968) ressaltou a ambiguidade e o absurdo da situação humana. De acordo com o filósofo, a existência deve ser entendida pelo indivíduo que a assume e isto perpassa o conceito de angústia. O indivíduo, portanto, tem que estar sempre disposto a enfrentar esse conceito para saber qual é a sua definição e, por consequência, sua essência.

Sendo assim, subentendemos *O Cárcere* como uma obra existencial, pois coloca em evidência a desilusão do personagem principal, no que diz respeito a uma inquietação e desassossego do viver. Trata-se de um mal-estar profundo que se confunde com as questões sentimentais e sociais. Através da intrincada psicologia de Stefano – personagem chave do livro – Pavese aponta-nos a complexidade da trama dos relacionamentos humanos, que confluem com a dificuldade de estabelecer um contato com

o outro. Sob esta ótica, o personagem chave do livro permanece ocluso em si mesmo. Suscetível a uma desinquietação, só resta ao protagonista recolher-se em um cárcere existencial. Sob esta perspectiva, podemos pensar em Abbagnano, citado por Primerano (2009):

O homem é realmente livre? Essa pergunta, segundo Abbagnano, adquire um viés diverso e certamente inquietante se reformulada da seguinte maneira: “Eu sou realmente livre”? (Primerano, 2009: 24) (Tradução Nossa)⁴

Tais questionamentos consideram a problemática da liberdade em um panorama tipicamente existencial. E ao existencial associa-se o coexistencial, isto é, o eu no eu. Nessa múltipla teia convergem a angústia e a melancolia. Portanto, vejamos como isso se manifesta no protagonista de *O Cárcere*.

Stefano é pessimista a respeito da vida cotidiana e da realidade. Assim, subsiste no personagem a vivência de uma crise existencial:

[...] bastava que pensasse na intensidade do sol, para que ressentisse aquela angústia, mas a angústia verdadeira é construída pela melancolia. (Pavese, 1948, pág. 22) (Tradução Nossa)⁵

A partir de suas inquietações pessoais e subjetivas, o personagem Stefano apresenta a sua angústia com o objetivo de encontrar a sua essência

4. “L'uomo è veramente libero?” Questa domanda, secondo l'Abbagnano, acquista un carattere diverso e sicuramente più inquietante se assunta in tale forma: “Sono io veramente libero?” (Primerano, 2009: 24)

5. “...bastava pensasse al gran sole- e risentiva quell'angoscia, ma l'angoscia vera è fatta di noia.” (Pavese, 1948, pág. 22)

e definição. Stefano torna-se consciente de sua vida através da experiência de ansiedade e angústia. O protagonista do romance prefigura a solidão humana. Na solidão do protagonista, que representa a solidão humana, convergem três conceitos de cárcere: o cárcere das paredes invisíveis; o cárcere coletivo: o mundo concebido como uma cadeia ininterrupta de celas; o cárcere do tempo transcorrido: é o tempo que se repete. Assim, o cárcere é descrito como uma ideia psicológica. Por meio de Stefano, Pavese mostra-nos experiências, sensações e angústias do período de confinamento. São reflexões de muita intensidade, aprofundadas e que são colhidas do universo interior do personagem: a inquietação do recluso em um cárcere existencial.

Além disso, Stefano espelha uma desilusão a respeito da sociedade em geral. Citemos um exemplo:

Ninguém se sente em casa estando em uma cela, e Stefano percebia sempre ao seu redor, paredes invisíveis. Por vezes, ao jogar cartas na taberna, entre olhares cordiais e atentos daqueles homens, Stefano se via só e frágil, dolorosamente isolado entre aquela gente. [...] Em cada recordação, em cada dificuldade ressoavam em Stefano ecos de que aquela não era a sua gente, aquela não era a sua vida, e aquelas palavras jocosas estavam tão longe dele como um deserto, ele era um exilado que um dia voltaria para casa. (Pavesse, 1948, pág . 3) (Tradução Nossa)⁶

6. “Nessuno si fa casa di una cella, e Stefano si sentiva sempre intorno le pareti invisibili. A vote, giocando alle carte nell’osteria, fra i visi cordiali o intenti di quegli uomini Stefano si vedeva solo e precario, dolorosamente isolato fra quella gente provvisoria, dalle sue pareti invisibili.[...] Non sapeva che Stefano a ogni ricordo, a ogni disagio, si ripeteva che tanto quella non era la sua vita, che quella gente e quelle parole scherzose erano remote da lui come un deserto, e lui era un confinato, che un giorno sarebbe tornato a casa.” (Pavesse, 1948, pág . 3)

O personagem principal coloca em dúvida a sua existência e a sua falta de sentido: é a irracionalidade do existir. Entretanto, se formos seguir a linha de raciocínio de Kierkegaard, o fato do personagem já estar se indagando com uma angustia exacerbada já comprova que ele é dotado de essência e definição. É uma reflexão autoconsciente de sua própria condição.

O cárcere e outras obras sob a perspectiva existencialista

Conforme apresentamos o livro *O Cárcere*, de Pavesse, pode ser considerada uma obra plena de significado existencialista, debruçada em muitos aspectos sobre o pensador Kierkegaard, isto porque, no delinear da obra Pavesse, desenvolve traços desta corrente filosófica que deixam claro esta raiz idealizadora. Para tanto, acreditamos que seja importante relacionarmos com outras obras dentro da perspectiva existencialista, como uma forma de sustentação de pesquisa.

Vejamos como isso pode ocorrer. Stefano, nosso protagonista, acreditava na impossibilidade de construir um amor sólido. Depreende-se da banalidade e da superficialidade na tentativa de instituir laços amorosos. Isto é observado no relacionamento entre ele e Elena. Trata-se de uma ligação baseada mormente no ato sexual. Nestas associações de ideias não podemos deixar à margem a obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus. Mersault, personagem principal, e Stefano têm algumas peculiaridades em comum: ambos vivem de experiências sensoriais. O sexo é um exemplo disso. Mersault, pelas suas relações com Marie, e Stefano com Elena e Concia. Exemplificamos:

Existia algo de infantil naquele orgasmo de Elena. O cigarro caíra ao chão. Stefano, enfim, levantou-se da cama puxando Elena para perto de si. Em pé deu-lhe um beijo mais

calmo e Elena aderiu com todo o frescor ao seu corpo. Depois, Stefano afastou-se e começou a vestir-se. (Pavese, 1948, pág . 32) (Tradução Nossa)⁷

A dificuldade em estabelecer vinculações com outras pessoas destaca-se na obra *Mestiere di Vivere* (O Misterio de Viver), um diário de Pavese escrito em tons da mais profunda melancolia, e principalmente na possibilidade de instaurar um liame amoroso. Pavese é um homem de reflexões e não de atitude. Ora, em outras palavras, é um intelectual que reflete sobre tudo, mas que, a despeito disso, não consegue tomar nenhum posicionamento. Além disso, podemos considerar Pavese como sendo pós-moderno: a extrema dificuldade de tomar uma posição é convergente a um pessimismo profundo, de base. Assim a extrema racionalidade e emotividade são congruentes a uma espécie de limbo. Por isso, subentendemos que este autor é transcendental, um escritor que vai além de seu tempo. A concepção da vida para Pavese é a extrema banalidade, uma vez que, seja o escritor, seja Stefano (o seu personagem), apresentam dificuldades em adaptar-se a um mundo que se transformava devido aos acontecimentos provenientes da segunda guerra mundial. A dificuldade de adaptação provoca um desassossego que se consubstancia tanto com o tecido social quanto com a situação política da Itália. Nesse período, os intelectuais tinham como ideal a melhoria da situação do País, que estava sob o domínio fascista. Todavia, os partidários, ou seja, aqueles que desejavam mudanças na situação presente, tinham como objetivo principal conquistar o poder. Esta representação é a mesma que encontramos na obra *O Príncipe*, de Maquiavel.

7. “C’era qualcosa d’infantile in quell’orgasmo di Elena. La sigaretta era caduta a terra. Stefano infine saltò giù dal letto, tirando Elena con sé. In piedi, cercò di darle un bacio più calmo ed Elena aderì con tutto il corpo fresco al suo. Poi si staccò e prese a vestirsi.” (Pavese, 1948, pág . 32)

Substancialmente, o quadro social que se esboçava refletia a degradação e o declínio italianos sob o enfoque econômico/cultural.

A melancolia e o desassossego personificados na figura do personagem Stefano podem ser comparados ao existencialismo perceptível na obra *Náusea*, de Jean Paul Sartre. Assim como no livro do filósofo, Stefano tem uma sensação de adversidade em relação aos confrontos dos seres humanos com a condição existencial. Nas duas histórias, os personagens principais colocam em dúvida as suas existências e a falta de sentido: é a irracionalidade do existir. De acordo com as concepções de Pavese e Sartre, o existir não tem um significado; é uma lógica sem uma essência. A essência é algo que nos falta. Os dois personagens (Antoine Roquetin e Stefano) são conturbados e transformam as suas existências em algo insuportável. Tal insustentabilidade da existência é comparável com a obra *A República*, de Platão, especificamente no livro VII, no trecho denominado *O Mito da Caverna*, no qual o homem imagina-se conhecedor de todo o universo, mas, na realidade, quer conhecer apenas o interior deste mundo (caverna) sem ter o desejo de procurar o mundo externo. Em síntese, este conceito é descrito através dos pensamentos do universo interno. Neste universo, são congruentes as alegorias da janela e da porta retratadas pelo livro *O Cárcere*: são aberturas voltadas ao exterior, porém, o protagonista permanece ali dentro como um prisioneiro de um cárcere mental. É a solidão e o vazio em uma espécie de configuração do nada.

Segundo Gionola (2011), o vazio pavesiano se expressa da seguinte maneira:

Não tem fundamentos metafísicos, mas é fonte do mais puro instrumento de comunicação, denotação oca, sem ecos de recordações, ausências e também esperanças, capazes apenas de fecundar um modo de escrever que seja realmente poético. (Gioanola, 2011:206) (Tradução Nossa)⁸

É preciso percorrer sem traços de hesitação a estrada do “adentrar ao nada”, que conduz ao vazio existencial, para chegar ao coração da obra pavesiana. Vejamos alguns exemplos:

Aquele sentimento de solidão física que o acompanhara durante todo o dia, entre a multidão festeira e o estranho céu lá no alto, ei-lo novamente. Por todo o dia, Stefano se isolara, como se estivesse fora do tempo, parando um pouco para fitar as velas estreitas e tortuosas abertas no céu. (Pavese, 1948, pág . 9) (Tradução Nossa)⁹

Aquela janela baixa aberta para o nada, para as nuvens azuis do mar, parecia-lhe uma porta estreita e secular do cárcere daquela vida. Havia mulheres e velhos lá em cima, entre aquelas muralhas desbotadas, que jamais saíram dos limites da pracinha silenciosa e das velas. Para eles, a ilu-

8. “non ha fundamenta metafisiche, ma è custode e fonte di tutto il puro strumento di comunicazione, nuda denotazione, senza echi di rimembranza e lontananza e anche speranza, soli capaci di fecondare una scrittura che voglia essere realmente poetica.” (Gioanola,2011:206)

9. “Quel senso di solitudine fisica che l’aveva accompagnato tutto il giorno fra la calca festaiola e il cielo strano di lassù,rieccolo ancora.Per tutto il giorno Stefano s’era isolato come fuori del tempo,soffermandosi a guardare le viuzze aperte nel cielo.” (Pavese, 1948, pág. 9)

são de que todo o horizonte pudesse caber na palma da mão era real. (Pavese, 1948, pág. 10) (Tradução Nossa)¹⁰

Segundo Kierkegaard (1968), o indivíduo tem uma confrontação com o nada. O ser humano, nessa confrontação, será incapaz de encontrar uma justificativa para as decisões que deverão ser tomadas ao longo de sua vida e isso é uma característica inerente ao “cárcere”.

Nos exemplos apresentados, percebemos que, por não conseguir tomar uma decisão objetiva, o personagem decide isolar-se. Não obstante, se levarmos em consideração as ponderações de Kierkegaard, o isolamento é o resultado de uma angústia. Esta foi fundamental para que Stefano tivesse consciência de sua existência e definição. O isolamento apenas ilustra uma existência pensada e consciente. Ele apresenta uma reflexão consciente de sua própria condição.

O livro *O Cárcere* também nos faz lembrar da obra *O Discurso do Método*, de René Descartes, e da sua célebre frase: “Penso, logo existo”. Igualmente para o personagem Roquetin, a consciência do existir provém do pensamento. Em outras palavras: quando alguém pensa, existe. Entretanto, esta consciência é terrível porque Pavese sabe que o único modo de fugir da existência é fugir dos pensamentos. Este tipo de reflexão encontra-se também em outra obra de Pavese: *La casa in collina (A casa na colina)*. Percebe-se claramente que, para o autor, é melhor sermos ignorantes. Assim, não desperdiçaríamos nosso tempo em discussões sobre a vida e as coisas que acontecem.

10. “Quella finestra bassa aperta nel vuoto alla nuvola azzurra del mare, gli era apparsa come lo sportello angusto e secolare del carcere di quella vita. C'erano donne e vecchi lassù, fra quelle muraglie scolorite e calcinate, che non erano mai usciti dalla piazzetta silenziosa e dalle viuzze. Per essi l'illusione che tutto l'orizzonte potesse scomparir dietro una mano, era reale.” (Pavese, 1948, pág. 10)

Pavese personifica o existencialismo propondo aos leitores a seguinte pergunta: como é possível distanciar-se dos pensamentos se a necessidade da fuga já é um pensamento e conduz a existência? A sua resposta consiste em dizer-nos que estamos ancorados na existência, uma vez que, para ele, Sartre e Descartes, o percurso do pensar e o sentimento do existir são indissolúveis.

Conclusão

Com base nos pontos apresentados e amplamente discutidos, *Il Cárccere* é considerada uma obra neorrealista, tendo uma linguagem e um estilo pessoais. Pavese apresenta, através de seu personagem chave, a realidade nua e crua de um confinado. Permeia na narrativa um confrontar-se da solidão com a paisagem desolada, ainda que se tenha o mar. A natureza espalha-se como uma expressão da alma e do cárcere existencial. Contudo, é uma natureza que suscita alguns momentos de alívio. Nesse sentido, Stefano e a natureza se entrelaçam e percorrem tonalidades que vão do denso ao vazio. É como se o estado de ânimo do personagem modulasse este complexo relacionamento entre ele e a natureza que o circunda. No entanto, é uma natureza que possibilita a liberdade do pensamento e nos conduz a uma amplitude que se mostra infinita. Além disso, podemos dizer que o autor caminha em direção a uma arte popular e épica. Desse modo, reflete sobre o significado da existência humana. Em linhas gerais, o romance confirma um não pertencimento do indivíduo em relação ao mundo e ao seu destino de isolamento.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BASILE, Bruno. *La “finestra” di Pavese: analisi di un’immagine ossessiva*, in *La finestra socchiusa. Ricerche tematiche su Dostoevskij, Kafka, Moravia e Pavese*. Roma: Salerno Editrice, 2003, 503-518.
- CALVINO, Italo. *A trilha dos ninhos de aranha*. (Tradução Roberta Barni). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- CANDIDO, Antônio. *A Personagem de Ficção*. 2aed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CATALDI, Pietro. *Le idee della letteratura*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1994.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006.
- FABIANO, Anna Maria. *Il carcere*. 2001. Disponível em < http://www.italialibri.net/opere/carcere.html#Top_of_Page>. Acesso em 14 out 2014.
- GIOANOLA, Elio. *Cesare Pavese. La poetica dell’essere*. Milano: Marzorati, Editore, 1971.
- _____. *La strada del salto nel vuoto*. In: *Cuadernos di Filologia Italiana*, Volumen extraordinario, 2011, 197-207.
- GUIDUCCI, Armanda. *Il mito Pavese*. Firenze: Vallecchi, 1967.
- GARRIDO, Elisa Martínéz. *La forza visiva nell’opera di Cesare Pavese: fra scrittura e immagine*. In: *Cuadernos di Filologia Italiana*, Volumen Extraordinario, 2011, 233-255.
- GULLÓN, RICARDO. *Espacio y novela*. Barcelona: Antoni Bosch, 1980.
- KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de Angustia*. São Paulo: Hemus, 1968.
- LAJOLO, Davide. *Il “vizio assurdo”. Storia di Cesare Pavese*. Milano: Il Saggiatore, 1960.
- _____. *Pavese e Fenoglio*. Firenze: Vallecchi Editore, 1970.

MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe (Trad. Antonio Caruccio-Caporale). São Paulo: L&PM Editores: Porto Alegre, 2011.

PAVESE, Cesare. *Il Carcere*. Disponível em: <<http://ebookbrowse.net/il-carcere-cesare-pavese-pdf-d43702631>> Acesso em 14 out 2014. PAVESE, Cesare: *Il mestiere di vivere*, a cura di Marziano Guglielminetti e Laura Nay. Torino, Einaudi, 2000.

PETERLE, Patricia. *A experiência bélica e imaginário literário em Elio Vittorini*. In: IV Simpósio Roa Bastos de Literatura, Florianópolis, 2010. Livro Imaginários Bélicos, 2010, 2-7. _____. *América de Pavese e Vittorini: confluências entre a tradução literária e a literatura comparada*. Cadernos de tradução, Florianópolis, v. 1, nº 23, 2009.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *La Nausée*. Paris: Gallimard SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Coleção Grandes Romances), 1972.

Recebido em: 01/02/2015

Aceito em: 18/07/2015